

# **JESUS**

## **- O SOFRIMENTO À LUZ DA TEOLOGIA -**

**Augusto Pires da Mota**



**Tecto de Novens**

**Título**

JESUS - O Sofrimento à Luz da Teologia -

**Edição**

Tecto de Nuvens, Edições e Artes Gráficas, Lda.

960131916; geral@tecto-de-nuven.pt

www.tecto-de-nuven.pt

**Coordenação literária de**

Teresa Cunha

teresacunha@tecto-de-nuven.pt

**Autor**

Augusto Pires da Mota

**Capa**

Hugo Baganha

(a partir da pintura de Carl\_Bloch: “Gethsemane”, disponível em regime de copyleft \_ em:

[https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Gethsemane\\_Carl\\_Bloch.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Gethsemane_Carl_Bloch.jpg))

**Revisão**

Tecto de Nuvens

**Concepção Gráfica**

Tecto de Nuvens

**Paginação**

Tecto de Nuvens

© *Augusto Pires da Mota*

*Direitos reservados segundo a legislação em vigor*

ISBN: 978-989-54804-1-8

D.L. 469973/20

Texto baseado no novo Acordo Ortográfico

*O conteúdo literário e plástico desta obra é da inteira e exclusiva responsabilidade do autor.*

A gerência da Tecto de Nuvens

## Prefácio

Desde as origens, Deus desperta a nossa atenção para a existência do sofrimento ou mal no mundo, ao qual Aquilino Ribeiro chamou o «mal ruim» e cuja existência é tão evidente que dispensa qualquer demonstração; «contra factos não há argumentos», é um princípio elementar da Filosofia.

O sofrimento, o mal é uma realidade comum, trivial e clara, porque é inerente à natureza de qualquer criatura, animada por um princípio vital, de forma explícita ou camuflada.

O sofrimento é um tema recorrente, está sempre na berra, pois pertence à condição e natureza do comum dos mortais.

Além desta referência à natureza humana criada, finita e contingente, o sofrimento tem uma importância básica, fundamental para todos os homens, sobretudo para os cristãos, porque nos configura com Cristo sofredor, crucificado, faz-nos semelhante a Ele.

O sofrimento torna-nos mais humanos e compreensivos, mais justos, caridosos e mais humildes.

O sofrimento desprende, desilude, liberta, purifica para podermos seguir o Senhor: «Quem quiser seguir-Me, renegue-se, tome a sua cruz e siga-Me».

Uma das características da nossa sociedade de consumo e hedonista é a indiferença religiosa, a marginalização de Deus e rejeição do sofrimento, desejando viver com a comodidade e bem-estar possíveis. E, no entanto, necessitamos de Deus, que morreu por nós.

No entanto, atendendo à nossa condição de seres criados, estamos referidos a Deus Criador, que morreu por nós, para nos libertar. Por isso, não podemos perder o sentido do Absoluto, sobretudo no meio dos nossos sofrimentos, tantas vezes, causados pelos nossos exageros pecaminosos.

Em todos os membros sofredores do Corpo Místico de Cristo, deste grande corpo social, onde estamos inseridos, encontramos o nosso Deus: «Silêncio que não é ausência, escuridão que não é vazio nem desorientação».

Quem não acredita no amor de Deus, que morreu na cruz, dificilmente perceberá o valor do sofrimento, através do qual, a

Palavra vai chegando atualizada, de harmonia com as necessidades de cada um e de cada tempo.

Como tudo na vida, nada acontece por acaso. «O acaso é um prato, que condimentam os espertos, para que o comam os tolos», diz Victor Hugo.

Tudo tem uma causa, uma origem, um princípio. Ora, é mais cómodo e mais fácil atribuir o sofrimento a Deus do que ao homem. Os homens engendram, sempre, uma desculpa.

A culpa acaba por morrer solteira, pois ninguém a quer. Eva disse: «a serpente enganou-me». Adão desculpou-se: «A minha companheira disse-me e eu comi».

Para uma abordagem mais ordenada do tema, estabeleceremos o seguinte esquema, que nos servirá de guião:

- O facto ou a realidade do sofrimento físico e moral.
- A origem.
- Responsabilidade atribuída a Deus ou ao homem.
- Atitude perante o sofrimento, que terá um desenvolvimento mais extenso e adequado em «Pastoral do Sofrimento».
- Perante o sofrimento, não temos alternativa: ou se reconhece a luta contra ele, até vencermos com a ajuda de Deus, que nunca falta ou a submissão e será a nossa derrota ou fracasso.

## I - Sofrimento quotidiano

Com a morte e sepultura do Senhor, tudo terminou no Calvário, *consumatum est*. Uma cruz sem crucifixo levanta-se, agora, no monte escaldado do Gólgota. Daqui para diante o crucificado serei eu, serás tu, meu caro leitor, seremos todos e cada um de nós.

Uma cruz simbólica de pecados e sofrimentos, molhada já não com o nosso sangue, mas com as nossas lágrimas e dores, será o sinal do nosso martírio incruento.

O sofrimento é uma realidade histórica à dimensão planetária. Acompanha-nos, como a sombra acompanha o corpo e da qual não podemos prescindir.

Seria desumano negar o mal, a dor, o sofrimento, como realidades históricas. Arrastamos um cortejo de misérias, ao longo da existência: «Eu não faço o bem que quero e, contraditoriamente, pratico o mal que não quero», diz S. Paulo, parafraseado por Sto. Agostinho.

No contexto em que vivemos, o sofrimento parece incontornável, paradoxalmente inexplicável e, muitas vezes, injustificável.

Job, 5,17, em resposta a Elifaz, compara a vida humana a um serviço militar obrigatório, à labuta de um jardineiro e à escravatura, três escalões degradados da vida humana.

O mal ou sofrimento não é apenas a ausência do bem, é uma realidade concreta, que morde a nossa carne e atinge o espírito, sente-se, dói, como é da sua essência.

O sofrimento não é fantasia, não pertence a um mundo onírico, mas a um mundo real, imperfeito e cruel.

O sofrimento é um lacrau invisível, que vai esfarelado, paulatinamente; chaga que se vai aprofundando até à divisão da alma e do corpo, lá onde o homem se afirma, como tal e é mais homem; cancro que se ramifica e alastra por todo o tecido social, como «um fogo que arde sem se ver».

Cristo nunca escondeu a realidade do sofrimento e refere-se a ele, em termos claros e inequívocos: «O Filho do Homem tem muito que sofrer», (Mc 8,31).

Todos temos a experiência do sofrimento físico ou moral, em nós e à nossa volta: doenças, contratempos e desgostos, uma simples dor de doentes, desastres, fome, calor e frio excessivos, intempéries,

e estendem em silêncio  
as mãos aflitas.  
Em nome dos que pedem,  
em segredo,  
A esmola, que os humilha  
e destrói  
E devoram as lágrimas e o medo,  
Quando a fome lhes dói.  
Em nome dos que dormem,  
ao relento,  
O som da miséria, terrível  
e profundo  
Em nome dos teus filhos,  
que esqueceste,  
Filho de Deus,  
que nunca mais nasceste,  
Volta outra vez ao mundo!  
Filho de Deus,  
que nunca mais nasceste...»

Ary dos Santos

## XII- Responsabilidade do homem

Deus fez do homem um ser quase divino: «De honra e glória o coroaste, deste-lhe poder sobre a obra das tuas mãos, tudo submeteste a seus pés.».

Deus criou o homem livre e responsável, à sua imagem e semelhança e respeita, até ao infinito, a liberdade, que lhe deu.

O homem, criatura de Deus, está aberto ao infinito à transcendência, mas pode desfigurar a imagem e semelhança de Deus, nele impressas, causando desgraças, sofrimentos, dor.

Sem Deus, entregue a si próprio, o homem só faz asneiras, porque é um ser pobre, limitado, dependente e pecador. «Sem Mim nada podeis fazer», diz o Evangelho.

A maior parte do sofrimento é causada pelo homem, por isso, não se pode dizer que Deus castiga. Deus não castiga, nós é que nos castigamos. Deus é sempre movido pela justiça temperada pelo amor.

- Em 1912, ocorreu o naufrágio do Titanic, 1600 pessoas morreram.

Este navio maravilhoso tinha todas as garantias para proporcionar uma viagem de sonho, mas chocou com um “iceberg”, montanha de gelo que flutuava à deriva. -

Para bater o recorde da velocidade entre a Europa e a América, o Titanic, gigante dos mares, encurtou distâncias, seguindo uma rota desusada, mais perigosa, por causa das montanhas de gelo flutuantes. A vaidade e a ambição, o orgulho e a soberba dos homens, causa de todos os males, estão de harmonia com o próprio nome do navio, Titanic.

No dia 7 de Abril de 1951, às 9h31, no porto de Bordéus, o estivador nº 8.054, Pe. Michel Favreau, sacerdote operário, morreu esmagado pela madeira transportada por uma grua. O cabo partiu.

A quem devemos atribuir a responsabilidade, a Deus ou à negligência dos homens?

Os jovens que se intoxicam com bebidas e drogas, envenenam o organismo e são vítimas de doenças graves, que mais tarde, transmitem aos filhos. De quem foi a culpa?

Aos vinte anos, morre a única filha de um casal de idosos, os quais, vendo-se sem qualquer ajuda, passam os últimos anos da vida num asilo. Talvez não pudessem ter mais filhos. No entanto, quantos casais não os querem ter?

## XIV Sofrimento, causa de ateísmo

A criação, providencialmente, está ao serviço do homem. Deus teve, como objetivo, um mundo sem dor, sem lágrimas, sem morte. Por vontade de Deus, ninguém sofre. Deus não promove o sofrimento, pelo contrário, procura acabar com ele.

Sendo assim, por que é que Deus permite situações de amargura e dor, que transformam a vida de tantas pessoas num Calvário de tormentos quase insuportáveis?

«Por que não têm pão os pobres; por que morre uma criança, a cada oito segundos, por falta de água potável; por que há tanta violência, dentro dos lares; por que se matam tantos homens nas guerras; por que se debate, com dores atrozes, tanta gente nos hospitais; por que há tantos deficientes, amarrados a uma cadeira de rodas?... Por que sofrem as crianças e os inocentes?»

«Mas as crianças, Senhor,  
Botões do nosso jardim,  
Porque lhes dais tanta dor,  
Por que sofrem, assim?»

O encontro com a dor, com o pecado e com o mal pode levar a crises agudas de fé e até ao ateísmo.

O Dr. António Lobo Antunes, médico psiquiatra e um dos maiores escritores da nossa praça, apesar da sua formação cristã, revelou, perante as câmaras da televisão, que, o nascimento de algumas crianças, com graves deformações genéticas, lhe causou sérios engulhos, por lhe parecerem beliscar a Providência de Deus.

O escritor francês Alberto Camus confessou ter perdido a fé, ao ver, na via pública, uma criança esmagada por um veículo de grandes dimensões, aparentemente, sem culpa da criança ou do condutor.

Na maior parte dos casos, acontecimentos quejandos podem não levar à perda de fé, mas também não concorrem para a sua consolidação e crescimento, pelo contrário, têm sido uma fonte de ateísmo ou afastamento, pela desorientação psicológica que provocam nas pessoas, menos rodadas no traquejo diário com o sofrimento, a maior parte das vezes, por ignorância ou deformação congénita espiritual.



## XV – Cristo é a resposta

A chave para o sofrimento, encontra-se em Cristo, Jesus de Nazaré, Deus Encarnado, pobre, humilde, servo sofredor de Javé, crucificado e ressuscitado.

Fora dos domínios da Transcendência, o sofrimento é, para a humanidade, um problema sem resposta,

O sofrimento é um mistério, sobre o qual, só Cristo faz alguma luz.

Deus, em Cristo, assumiu o nosso sofrimento, dando-lhe um sentido mais redentor. Cristo, pelo sofrimento, tornou-se o Salvador do mundo.

Esta é a única resposta que, se nos depara, perante a incapacidade humana de esclarecer e resolver o problema misterioso do sofrimento.

Cristo é a palavra de um Deus, que sofreu a crueldade do martírio cruento e incruento, físico, e moral; experimentou a solidão dum condenado, o sarcasmo de quem O acompanhava e chora com que choram.

A sua paixão, morte e ressurreição é uma resposta aos que não compreendem a lei inexorável do sofrimento.

O sofrimento tornou-se a força do Ressuscitado e a redenção do mundo.

A nível da fé, as pessoas querem a salvação, independentemente do sofrimento, da dor, da cruz e, no entanto, pretender um cristianismo sem cruz é tentar a quadratura do círculo.

Por necessitamos de Deus, que se revela pregado numa cruz. Configurados com Ele, lembremos também o sofrimento de Job, o martírio dos profetas e dos cristãos dos primeiros séculos do cristianismo.

A Bíblia apresenta-nos estas referências, que iluminam e nos orientam, em situações quejandas de sofrimento, agora e sempre.

O Senhor não se limitou a assumir a nossa condição sofredora e a sofrer até à morte, na cruz. Jesus propôs-se como caminho a seguir e a verdade a praticar, isto é, propôs-se como modelo e ideal a meter na vida e a viver, intensamente.

O Senhor chegou até a formular uma proposta bem difícil para as depauperadas forças do comum dos mortais: «Se alguém quiser seguir-Me, renegue-se a si próprio, tome a sua cruz e siga-Me.»,

trepando a escarpa do Calvário, para ser crucificado com Ele, pois «o discípulo não é mais do que o Mestre». Seguir Jesus Cristo será um dos capítulos do livro “Pastoral do Sofrimento”.

com as dimensões de um quase microscópico grão de mostarda! Acreditemos contra toda a esperança que Deus não deixa sem resposta a nossa oração. Não duvideis: «Por que duvidastes, homens de pouca fé?»

Num momento de extrema aflição, Dimas, que passara a vida a roubar, violenta o coração de Jesus: «Lembra-te de mim, quando chegares ao teu reino.». A resposta foi pronta e quase instintiva: «Hoje, estarás comigo no paraíso.»

Na perspectiva duma catástrofe, Simão Pedro, açoutado pelas ondas, acorda pressurosamente o Senhor: «Salvai-nos, porque perecemos.». Mais tarde, será a Igreja que fará oração por Pedro encarcerado. Vasco da Gama, batido por ventos ciclónicos, fustigado pela chuva faz oração, em pleno mar alto, segundo «Os Lusíadas».

Afonso de Albuquerque, em idênticas circunstâncias, levanta nos braços uma criança, aponta-a na direção do céu e violenta a misericórdia divina: «Poupa-nos pela inocência deste menino.». Referência à capa do livro «Crise em Portugal, na Europa e no Mundo» relacionada com a fotografia do menino, que lhe serve de moldura.

Jesus, na agonia do Getsêmeni, apresenta ao Pai as limitações e dificuldades da sua humanidade e esta oração dolorosa, na perspectiva dum grande fracasso, foi escutada muito mais do que se previa. O anjo de Deus anima o Senhor, naquele momento agónico, Luc. 22,43.

A epístola aos Hebreus mostra ainda que a ressurreição é a resposta adequada e definitiva do Pai à oração angustiada de Jesus no Horto das Oliveiras, Heb. 5,7 e todo o seu sofrimento, em obediência até à morte na cruz.

Segundo o Novo Testamento, a doença não se relaciona apenas com um mal físico, mas também espiritual. O Senhor cura as mazelas do pecado, para, depois, curar a doença física. Segundo a Antropologia judaica, oposta à teoria platónica, a salvação é para o homem, na totalidade do seu ser, na dimensão do corpo e alma.

Jesus passou pela terra a fazer o bem e, como prioridade das prioridades, propôs-se libertar as pessoas dos sofrimentos físicos e morais. Até em dia de sábado, curava os enfermos, não pelo prazer de transgredir uma lei ou irritar os adversários, escravos da mesma lei, mas porque não havia razão para adiar, por mais tempo, o alívio do sofrimento alheio.

«Deus visitou o seu povo», Lc. 7,16.

## XIX - Convivência com o sofrimento

A tentação de responsabilizar a Deus pelo sofrimento, que grassa no mundo, tem levado ao ateísmo.

Martin Caparrós afirmou no jornal «El País»: «A existência e insistência do mal torna deus ineficaz e vicioso: ou faz o mal, à sua vontade e seria um canalha ou não poderia evitá-lo e seria um inútil.»

A minúscula «d», na palavra Deus e o condicional «seria», «poderia» revelam o ateísmo de Caparrós, o qual estranha que milhões de seres humanos continuem a rezar, ajoelhados perante um Deus, que faz o mal ou o permite.

Para o ateu tudo se resume na inexistência de Deus, pois, se Deus existisse, poderia ter evitado o mal.

Ora, «Atribuir o mal a Deus é pretender a quadratura do círculo», diz o teólogo galego Andrés Queiruga.

Deduzir o ateísmo da existência do mal no mundo não passa de modernice incoerente e inconsistente, sem fundamento; é uma afirmação gratuita e «quod gratis affirmatur, gratis negatur»; é desconhecer a autonomia das leis da natureza e a dignidade da liberdade humana, cujo abuso está na origem de tantas misérias. Qualquer crise pode ser natural ou artificial, provocada ou espontânea.

Deus não é a causa da pobreza e da crise. A crise atual é imoral e injusta. Dizia o arcebispo de Nápoles: «Acreditamos que a globalização dos mercados levaria a maior prosperidade e riqueza para todos, mas, pelo contrário, problematizamos, ainda mais, a pobreza.»

Foi esta economia mercantilista, cancro galopante numa sociedade neoliberal individualista, dominada por um relativismo e hedonismo imorais, que tudo cilindram à sua passagem e tudo reduzem a cifrões, a causadora da crise económica que tanto aflige um mundo religiosamente indiferente e sem transcendência.

Os amigos de Job ficaram aterrados com o sofrimento deste homem bom. Depois de refletirem, durante sete dias e sete noites, encontraram, no pecado, a causa de tão grande desgraça. O sofrimento daquele justo só podia ser um castigo de Deus.

Esta reflexão é fria, cruel, não se satisfaz com lágrimas, julga, é implacável, condena.

Os amigos de Job representam a corrente teológica da tradição bíblica,

## XXI – Sofrer por amor

Como a planta se volta para o sol e o íman para o pólo magnético, como o vapor se eleva para as nuvens e a água para as regiões da luz, como a torrente se precipita para engrossar o rio e o rio para espriar-se na imensidão do oceano, assim a vida do homem é impulsionada pelo amor.

Onde está o amor está o pensamento que ilumina, o desejo que estimula, o ideal que arrebatava, a virtude que nobilita. O amor convida e aproxima, o ódio afasta, distancia.

A cruz dar-nos-á o que nós lhe dermos: amor ou desespero, perdão ou vingança, compreensão ou desprezo, coragem ou desalento. Tudo depende da fé com que cada um entrar na jogada e do amor com que a abraçar.

Para quem a tomar como um suplício, ela será martírio; para quem a toma como libertação, ela será redentora.

«... foi-me deixado um espinho na carne, um anjo de Satanás, que me esbofeteia. Roguei ao Senhor que o afastasse de mim. Ele disse: “Basta-te a minha graça, porque é que na fraqueza que se manifesta o meu poder.” ...Gloriar-me-ei nas minhas fraquezas, para que habite em mim o poder de Cristo. Alegro-me nas minhas fraquezas, nas afrontas, nas adversidades, nas perseguições e nas angústias sofridas por amor de Cristo, porque, quando sou fraco então sou forte.». 2 Cor. 12, 7-10.

«Em tudo somos atribulados, mas não esmagados; andamos perplexos, mas não desesperados; abatidos, mas não aniquilados. Levamos, sempre e em toda a parte no nosso corpo, os sofrimentos da morte de Jesus, a fim de que se manifeste também, no nosso corpo, a vida do Senhor.» 2 Cor. 4, 6-11.

Os pagãos admiravam o amor que unia os primeiros crentes e a alegria com que enfrentavam as contrariedades da vida, no meio duma sociedade que lhes era hostil: «Vede como eles se amam.», testemunhou Tertuliano.

Só no amor de Deus encontraremos um sentido para os nossos problemas e dificuldades.

François Mauriac escreveu, aos 65 anos: «Vou atingindo a velhice, como um pobre carneiro, que deixou pedaços da sua lã em todas as sarças do caminho.

## XXII - Deus intervém por amor

Deus, pela imanência, está em tudo e em todos, está em cada pessoa, em cada homem, sofrendo nele e com ele, porque nos ama sem medida, amor eterno, infinito, imenso, incomensurável. O homem é uma simples criatura e, como tal, é filho de Deus, filho amado do Pai Celeste.

Deus ama-nos tanto que nos perdoa sempre.

Para a misericórdia infinita de Deus não há pecados irremissíveis. Podem ser crimes hediondos, mas maior, infinitamente maior é a misericórdia e o amor de Deus, no entanto, Deus perdoa a culpa do homem, mas não o liberta das consequências do pecado, isto é, do sofrimento, porque é da própria condição do ser humano, limitado, pobre, contingente, finito, pecador e, além disso, o sofrimento está relacionado com a liberdade humana, que Deus respeita.

Deus não impede o homem de sofrer, porque tal atitude seria uma limitação à liberdade humana, impedindo-a da possibilidade de amar e Deus respeita a liberdade humana até ao infinito.

Deus só pode o que é possível ao amor e o amor não pode deixar de amar nem impedir que se ame.

Deus não liberta do sofrimento, mas ajuda a suportá-lo porque é amor. «O amor partilha a dor», diz o cardeal Martini. A vingança de Deus é o amor, até ao fim, a misericórdia, que supera todo o sofrimento, todo o mal, que está na origem do sofrimento humano.

Cristo, em tenebrosa agonia, no Jardim das Oliveiras, pede «Pai, se possível, afasta de Mim o vaso.»

Cristo, para nos salvar, teve de sujeitar-se à morte na cruz, mas Deus manda-lhe um anjo, para O ajudar.

Deus ajuda a suportar e a lutar contra o sofrimento.

Jesus Cristo é o rosto humano de Deus, a Palavra de um Deus, que sofreu a crueldade de um martírio cruento e incruento, físico, e moral; experimentou a solidão dum condenado, o sarcasmo de quem O acompanhava e chora com os que choram e morre a perdoar a quem O matou.

É assim o nosso Deus. Jesus dedica-se aos que sofrem, aos marginalizados; aos doentes, dando-lhes cura; aos famintos, para os quais multiplicou os pães. O Senhor abre, para todos, a possibilidade

# Índice

Prefácio	5
I - Sofrimento quotidiano	7
II - Martírio permanente	11
III – Sofrimento moral	16
IV - Judas traiu, Pilatos julgou	35
V - Origem do sofrimento nas culturas primitivas	47
VI – Origem do mal, segundo o Velho Testamento	49
VII - Origem do sofrimento, à luz da Teologia cristã	56
VIII - Responsabilidade de Deus ou do homem?	62
IX – Tendência para culpar a Deus	67
X - Silêncio de Deus	73
XI - Silêncio irritante de Deus	76
XII- Responsabilidade do homem	85
XIII - Prevenção	99
XIV Sofrimento, causa de ateísmo	102
XV – Cristo é a resposta	112
XVI – Luta contra o sofrimento	114
XVII – Esperança Vitoriosa	125
XVIII - Deus e o homem a colaborar	134
XIX - Convivência com o sofrimento	140
XX – Aceitação voluntária do Sofrimento	145
XXI – Sofrer por amor	157
XXII - Deus intervém por amor	164
Índice	167

## Títulos da Coleção “Jesus”



**“Paixão e morte de Jesus Cristo”**, Tecto de Nuvens, 2019



**“Redenção”**, Tecto de Nuvens, 2019



**“O Mistério de Cristo”** (data a anunciar)



**“Do fracasso de Deus à Glorificação”** (data a anunciar)



**“Pastoral do Sofrimento”** (data a anunciar)



## Outros títulos do autor:



### **de Babel a Sião**

222 páginas, capa mole, Paulinas, 1997



### **Missão, o grande desafio**

200 páginas, capa mole, Tecto de Nuvens, 2010



### **Horizontes da Felicidade**

196 páginas, capa mole, Tecto de Nuvens, 2011



### **A Crise em Portugal, na Europa e no Mundo,**

260 páginas, capa mole; Tecto de Nuvens, 2015



**Vida, Essência de Deus e Elevação do Homem;**  
240 páginas, capa mole, Tecto de Nuvens, 2017